



Rappers do Senhor em busca de visibilidade- Igrejas neopentecostais como espaço de construção da identidade para jovens negros moradores da periferia de Juiz de Fora¹

Tâmara Lis Reis Umbelino²

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de compreender um importante fenômeno religioso que vem se mostrando cada vez mais forte e consistente, que é à busca de visibilidade por jovens, negros de periferia, através da religião. Cultos embalados por Hip-Hop e danças de BBoys no altar da igreja são rituais cada vez mais comuns em templos evangélicos de todo o país. E neste ambiente, jovens que sentem invisibilizados pelos veículos de comunicação, encontram uma oportunidade de refazer sua imagem.

Palavras-chave

Visibilidade, evangélicos, hip-hop, negro, mídia

Nossa proposta é compreender de que maneira grupos formados por jovens, negros, moradores das periferias das grandes cidades, em nosso caso particular Juiz de Fora, estão encontrando no meio religioso neopentecostal um espaço que possibilite a formação de sua identidade e construção da auto-estima. Estudar este fenômeno em nossa cidade e as conseqüências para este grupo de jovens mostra-se importante, haja vista o grande número de estudos que vem sendo feito neste sentido por pesquisadores de todo o país que buscam compreender como os jovens moradores das periferias, que se converteram a religiões evangélicas estão "mudando a cara" dos cultos religiosos ao introduzir nas celebrações elementos da cultura Hip Hop. O ponto de partida deste estudo se fundamenta em quatro eixos principais: negritude, juventude, a realidade dos moradores da periferia e a vivência pentecostal. Temática já tratada, por exemplo, na tese de doutorado da antropóloga Márcia Leitão Pinheiro *O sagrado e o lazer. O rap o charme entre os evangélicos (2006)*, na qual ela trabalha o Rap como expressão artística e de religiosidade em grupos evangélicos do Rio de Janeiro. Outro destaque fica por

¹ Trabalho apresentado ao GT Jornalismo, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Intercom

² Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Especialista em Planejamento e Gestão Social pela UFJF e graduada em Comunicação Social pela UFJF. Professora do curso de Comunicação Social da Faculdade Estácio de Sá Juiz de Fora. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Radiojornalismo e Jornalismo Especializado. Produtora da Rádio Catedral FM 102,3 Emissora Educativa.



conta do trabalho desenvolvido por Ronaldo Almeida e Ariana Rumstain em *O gospel como sociabilidade religiosa (2003)* no qual são estudadas as formas pelas quais os jovens estão transformando os espaços antes considerados “mundanos” em espaços de vivência da religiosidade a partir do momento em que estes são revestidos da intenção de evangelizar.

No entanto, antes de iniciarmos este trabalho, é preciso distinguir de que juventude estamos falando e quais valores a norteiam. Conforme apresentado por Marcelo Camurça e Fátima Tavares em *Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica (2006)*, que trabalha a relação entre juventude, violência e linguagem religiosa, tendo como base o texto “*Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra*” (1999) a proximidade sagrado/profano se apresenta tanto nas letras de músicas quanto nos rituais e na estética dos grupos estudados. A vivência religiosa é para estes jovens uma alternativa que se contrapõe à vida permeada por situações envolvendo violência, drogas e criminalidade.

Nossa proposta é compreender quais articulações são formadas no ambiente religioso propiciando o desenvolvimento de uma identidade que reforce os valores relativos à negritude e a auto-estima de grupos que são constantemente marginalizados e, não raramente invisibilizados, pelos veículos de comunicação de massa. O que mais me chamou a atenção durante este tempo foi o movimento de rappers que busca mudar a realidade de violência da periferia através do Hip Hop Gospel.

Creio ser importante que, antes que qualquer análise seja feita, esclareçamos os motivos que me fizeram interessar por este tema e de que maneira aconteceu minha aproximação com o grupo que mais tarde se tornaria meu local de estudo. Não esquecendo, contudo, que

Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam **nas** aldeias. Você pode estudar coisas em diferentes locais, e algumas coisas (...) podem ser melhor estudadas em localidades isoladas. Isso não faz do lugar o que você está estudando. (GEERTZ, 1989:32)

Sou jornalista por profissão e desde o início da faculdade incomodava a fato de que uma série de grupos sociais são constantemente marginalizados ou excluídos no processo de produção da notícia. O fato de as salas de aula do curso de jornalismo e as redações de empresas de notícia não serem representativas, em termos de diversidade, da sociedade sempre se mostrou para mim como um possível empecilho para que assuntos ligados à cidadania não recebessem a atenção merecida por parte destes



veículos. O fato de algumas fontes aparecerem apenas em matérias predeterminadas, ainda que isto não seja verbalmente estabelecido, é uma verdade irrefutável.

O trabalho como jornalista, principalmente atuando na editoria de polícia nos colocou muitas vezes frente a frente com estes jovens. E nas conversas a reclamação era uma só "não temos visibilidade. Os jornais, rádios e TV's não nos enxergam. Só aparecemos nas páginas policiais e ainda assim só com as iniciais e tarja preta na cara." No entanto o que mais nos incomoda é o fato deste tipo de problema passar despercebido ou, na pior das hipóteses, não preocupar os jornalistas. Não havia um mal estar ou tentativa de tornar nossas produções mais representativas da realidade vivenciada fora das redações.

É raro ver entrevistados negros que não estejam falando de negritude, gays que não falem de preconceito, mulheres comentando partidas esportivas e jovens negros pobres que não sejam personagens de matérias que tratem de violência, drogas e marginalidade. Este trabalho é então uma tentativa de compreender de que maneira este grupo de jovens, negros, pobres e evangélicos esta reagindo à falta de visibilidade, ou distorção da auto-imagem a que são constantemente submetidos.

Em busca de valores que possam construir esta identidade fragmentada e fragilizada, estes jovens, em sua grande maioria negros, pobres e evangélicos se uniram em um movimento que chamam Ministério Galera de Cristo (MGC), no qual discutem política, direitos humanos e, também religião. O grupo é formado por jovens de diferentes denominações evangélicas e que são, em sua maioria, moradores de bairros da periferia da zona leste de Juiz de Fora. Muitos deles recém-convertidos e vindos de um histórico de violência e contato com drogas. Com a chegada destes jovens aos templos evangélicos percebe-se uma mudança nos cultos e nas formas de louvor ocorridas durante as celebrações. Os jovens estão chegando, mas eles não estão sozinhos. Trazem com eles seus penteados *Black Powers*, roupas de jogadores de basquete norte-americano e principalmente sua musicalidade, expressa grande parte das vezes no ritmo do Hip Hop. O ritual ganha outro ritmo e, mais do que isto, passa a acontecer nas garagens, teatros e na rua fazendo com que de uma forma bastante diferente do que se convencionou chamar de culto religioso eles manifestam sua religiosidade.

Nota-se uma clara influencia da cultura norte-americana, como já foi estudado por Regina Reyes Novaes no texto *Ouvir para crer: os Racionais e a fé na Palavra*



(2000), onde ela destaca que é possível perceber neste tipo de “Rap-oração” as influências das tradições protestantes e pentecostais presentes nos Estados Unidos.

Aprofunda-se a espontaneidade da oração pentecostal expondo dúvidas e sentimentos contraditórios sem o filtro e o controle das Igrejas ou denominações. Trata-se de um uso da Bíblia sem mediações de padres, pastores ou Igrejas. A leitura que fazem é livre. Não pregam uma religião, mas falam em Deus, em fé, para além da dialética institucional. (NOVAES, 2000)

No entanto, tanta novidade não aconteceria sem causar tensões e negociações entre as partes envolvidas. A pesquisadora Márcia Leitão em sua tese “*Na pista da fé: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro*” defendida em 2006 na UFRJ destacou a necessidade de atenção para esta zona de tensões

Falar em porosidade e encontros transformadores é reconhecer o lugar que os contatos adquirem no tocante às alterações (e manutenção também), pois sentidos são produzidos, refeitos, mantidos... Assim, é possível falar, para ser breve, em encontros culturais, em transformação e em tensões. (PINHEIRO, 2006)

O fundador do Ministério Galera de Cristo, Negro Bússola, destacou já em nossa primeira entrevista a forma como foram recebidas as primeiras manifestações dos jovens *rappers* durante os cultos evangélicos. Segundo ele, o clima de desconfiança era tanto que muitos fiéis chegaram a promover debates sobre a legitimidade deste grupo se classificar como evangélico. Um fato que não é privilegio de nossa cidade. No livro “*A religião mais negra do Brasil*” (2004) o pastor Marcos David mostra que este conflito entre o que é dito no altar e sensações despertadas nos membros desta comunidade pode gerar conflitos e criar zonas de tensão entre os fiéis

Nas igrejas pentecostais, os conflitos existentes entre as raças nas relações sociais no Brasil são tratados com distanciamento a tal ponto de caracterizar quem se aventura a refletir sobre o assunto como 'subversivo', 'desordeiro' e, o pior de tudo, 'possesso' ou 'endemoniado'. Afinal pensar sobre o racismo em um ambiente onde impera o mito da democracia racial como algo divino é uma afronta aos mais 'santos' e 'consagrados'.(OLIVEIRA, 2004)

Sabendo desta tensão nos propomos a procurar respostas para as seguintes questões: Quais valores norteiam as normas de conduta destes jovens? De que maneira eles experimentam a invisibilidade, ou distorção de sua própria imagem? As formas alternativas de visibilidade que estes grupos vêm buscando, principalmente no campo religioso, estão de fato trazendo resultado?



Sabemos que jovens de diferentes segmentos religiosos estão se organizando para "levar o mundo" para dentro de seus templos. Mas nossa escolha pelos evangélicos tem razões de ser. Ela se justifica pelo grande número de manifestações da juventude neste segmento religioso, em especial ligadas ao movimento Hip Hop que é neste caso nosso objeto de estudo. Além disto, como podemos ver no livro *A religião mais negra do Brasil* (2004) o pastor Marcos David faz uma importante análise sobre a opção de grande parte da população negra pelas igrejas pentecostais. Ele mostra, de maneira clara, que este é um fenômeno que cresce gradativamente e apresenta pontos semelhantes em diferentes partes do país.

Seria presunção afirmar que os negros religiosos do Brasil são pentecostais. Mas não se pode fazer vista grossa ao fato de que muitos negros estão participando ativamente das igrejas pentecostais. Dos 26.184.941 evangélicos no Brasil, 17.617.307 são membros das igrejas pentecostais (incluindo as denominações do pentecostalismo clássico e as igrejas neopentecostais). Deste grande número, 8.676.997 são negros. Na realidade a quantidade de negros na Igreja Pentecostal sugere um empate técnico com a quantidade de pessoas brancas na membresia, que é de 8.690.931 pessoas. (OLIVEIRA,2004)

Números que vão ao encontro dos estudos feitos por Antônio Flávio Pierucci em *"Ciências sociais e religião: A religião como ruptura"* (2006) que mostra, dentre outras coisas, o crescimento aparentemente irrefreável das conversões às igrejas pentecostais e neopentecostais e a queda significativa dos adeptos das religiões afro-brasileiras, principalmente entre a população negra.

os cultos afro-brasileiros, mesmo no caso dos candomblés mais reafrikanizados, já se comportam como religiões sem "reserva de mercado" de natureza étnica. (PIERUCCI 2006)

No artigo o autor trabalha o conceito de afro-brasilidade sem etnicidade apresentado por Livio Sansone no livro *Negritude sem etnicidade* (2004) e apresenta a transformação dos chamados afro-brasileiros em Black- evangelicals.

Há muito mais negros evangélicos do que negros espíritas, do que negros umbandistas, do que negros no candomblé, do que negros nas outras religiões e negros se declarando sem religião. E se formos olhar mais de perto, verificaremos que a taxa de negros pentecostais (14,2%) é mais alta que a de pardos pentecostais (10,8%), brancos pentecostais (9,1%) e amarelos pentecostais (6,3%). (PIERUCCI 2006)

Um exemplo prático destes números é o Ministério Galera de Cristo, um grupo criado em 1996, e que, apesar de ter participantes de diversas regiões da cidade, atua



prioritariamente no bairro Santa Efigênia (Zona Sul de Juiz de Fora) e outros bairro da região. Este grupo teve início em um templo da Igreja de Deus no Brasil, localizada no bairro Ipiranga, periferia da Zona Leste de Juiz de Fora. Segundo site oficial A Igreja de Deus no Brasil vem da Igreja de Deus nos Estados Unidos, uma denominação pentecostal, fundada em 1886. No Brasil o escritório nacional da Igreja fica em Brasília e em Juiz de Fora, onde será feito nosso estudo, há apenas um templo registrado desta igreja, situado no bairro Ipiranga, local onde surgiu o Ministério Galera de Cristo (MGC).

Segundo seus fundadores o MGC foi criado com o claro objetivo de resgatar os jovens da comunidade, que estavam envolvidos com atividades criminosas e drogas, trazendo-os para o ambiente religioso. Em entrevista, o fundador do Ministério, J. J, 32 anos, mais conhecido como Negro Bússola (o nome foi escolhido com base em dois propósitos bem definidos: reforçar o orgulho do pertencimento à raça negra e mostrar que seu objetivo é atuar mostrando um “norte” para estes garotos que se sentem perdidos em meio à sociedade), conta que o grupo mantém o forte propósito de garantir a estes jovens visibilidade e possibilidade de construir uma auto-imagem diferente daquela veiculada pelos veículos de comunicação de massa, onde estes jovens são frequentemente retratados como delinquentes e, muitas vezes, sem chance de se pronunciar sobre os fatos nos quais estão envolvidos.

Eles (a imprensa) não dão importância para nós. A gente tem que começar a valorizar o que nós somos e o que nós temos. A realidade é que existe uma divisão entre a periferia e os grandes centros. Há uma linha imaginária, como a linha do equador, que ninguém vê, mas ela existe. Mas a gente pode mudar isto. E a religião é um espaço onde todos se encontram, nem todos são iguais, mas todos compartilham da mesma idéia. (Negro Bússola, 2007)

Através do grupo em questão, nos propomos a compreender de que maneira este fenômeno da busca de visibilidade e construção de auto-estima vem sendo trabalhada, através, principalmente do movimento de Hip Hop Gospel. A escolha por este ritmo musical é facilmente justificada pelos membros deste movimento quando alegam que o Hip Hop é uma das maiores expressões da juventude negra, capaz de mexer, além da mente, com a alma da população marginalizada.

O arquiteto, urbanista e consultor de projetos como o Programa Favela-Bairro, Manoel Ribeiro, se tornou um estudioso das comunidades carentes de morro e periferia



e destacou em entrevista recente a importância deste estilo musical como instrumento de politização desta parcela da sociedade

hip-hop é mais a expressão da diáspora negra internacional. É o compromisso com uma luta e um processo de conscientização. Talvez não seja nem música. Tanto que aqui no Brasil há uma certa rejeição do hip-hop pela mídia. (Ribeiro. 2007)

Além disto, o Hip Hop Gospel também vem mostrando sua força no setor fonográfico brasileiro. A vendagem de CDs e o número de artistas que atuam neste segmento musical comprovam a força deste movimento

Em termos gerais, o relatório da Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD), de 2003, constata que o mercado fonográfico nacional, em 2002, teve crescimento de cerca de 3,6% porém o aumento de unidades foi menor, ficando próximo a 1,7%, em relação ao ano anterior. No entanto, a associação afirma que o país figura em segundo lugar, atrás dos Estados Unidos, com o registro de 76% no tocante à produção e ao consumo de repertório nacional. Em vendas por repertório, o religioso alcançou 14% de vendas, 2% a mais em relação ao ano anterior, acima das cifras dos repertórios de samba e pagode (12%) e sertanejo (11%). (PINHEIRO, 2006)

O pastor Marcos David no Livro "A religião mais negra do Brasil" (2004) enumera diversos motivos responsáveis por aproximar a população negra das religiões evangélicas, destacando o fato de que a musicalidade e utilização do corpo como forma de louvor são fatores que merecem destaque:

Alguns aspectos contribuem para a identificação da religiosidade do povo negro no Brasil. O primeiro, que salta aos olhos, é a utilização do corpo como instrumento de culto. Nas igrejas pentecostais, o corpo é usado livremente no momento da adoração, indo de almas e danças até expressões incomuns, como rastejar no chão, abrir os braços numa posição de vôo, correr sem sair do lugar, etc. Todas essas manifestações nada mais são que a utilização do corpo para se expressar melhor. Essas experiências até alguns anos atrás, só eram vistas nos grupos pentecostais. (OLIVEIRA, 2004)

Para estes jovens que encontram claras dificuldades de se verem retratados nos veículos de comunicação de massa conseguir contar sua própria história de acordo com seus valores e usando sua linguagem, o Hip Hop Gospel se apresenta com forma de redenção da vida marginal, não só pela forma mas também pelo conteúdo versado pelos Rappers. Este é um espaço onde estes jovens, ao contrário do que acontece muitas vezes na escola e no meio profissional no qual atuam podem discutir questões que de fato os incomodam e tentar trabalhar a construção de sua auto-estima.



No caso da black music gospel e da "festa", conforme os envolvidos (organizadores e frequentadores), as canções e iniciativas demarcam uma expressão de fé não excludente da fruição e da efetivação de crítica social. Isso expressa e, ao mesmo tempo, contribui para a transformação do meio evangélico, pois explicita as redefinições de dualismos como igreja/mundo, sagrado/profano, espírito/corpo, religião/mercado. E transparece nas discussões sobre "música gospel" no Brasil, sobre a "festa", sobre as ações de leigos, sobre a citada black music gospel, colocando a possibilidade de debates acerca das noções de cor, de negritude e de territorialidade. (PINHEIRO, 2006).

É importante destacar que as atividades do Ministério Galera de Cristo (MGC) não se restringem aos cultos nas igrejas e momentos de oração. Os jovens também se reúnem para discutir assuntos que afetam diretamente suas vidas, como vícios, violência e marginalidade, além de fatos e ações que promovam a igualdade racial. Um exemplo do incentivo de debates sobre a condição do negro na sociedade brasileira e sobre as formas como ele pode alterar este quadro é o Projeto Café com Hip Hop promovido com regularidade pelo MGC no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, espaço cedido pela Prefeitura de Juiz de Fora.

Como já foi trabalhado por Ronaldo Almeida no texto sobre o Gospel como sociabilidade religiosa, é muito comum que os jovens evangélicos tragam as vivências religiosas para outros eventos que, a primeira vista, pareceriam seculares. Desta forma surgem os bailes e cafés gospel, por exemplo. A estratégia agora não é mais separar mundo e religião mas sim revestir as atividades *mundanas* com um caráter religioso transformando assim estas formas de expressões culturais em algo digno de ser vivenciado pelos jovens cristãos.

Tivemos a oportunidade de estar na edição do Café com Hip Hop promovida em 11 de janeiro de 2007, ocasião onde, segundo os organizadores do evento, foram reunidos mais de 350 jovens de diferentes periferias da cidade e de diversas denominações evangélicas. No Café com Hip Hop há espaço para apresentações de dança, grafite e DJs. É um momento para dentre outras coisas, manter e fortalecer a importância do Hip Hop nestas comunidades, além de apresentar uma nova leitura desta expressão artística que passa a funcionar como instrumento de evangelização. É muito comum também a presença de jovens de cidades da região durante estes eventos que aproveitam este momento para se confraternizar com jovens de diversas igrejas da cidade.



Apesar de já ter cerca de vinte anos a história do movimento Hip Hop no Brasil ainda não foi contada de forma sistematizada. Há muitas controvérsias sobre a origem do movimento. Para alguns ele teria nascido na Jamaica, para outros (como acredita Negro Bússola) é um movimento tipicamente Norte Americano que nasceu da necessidade de comunicação dos negros de diferentes estados nas lutas e conquistas políticas em 1960. O que se sabe é que o Hip Hop vem sendo usado ao longo do tempo como instrumento de contestação e denúncia por jovens das periferias de grande parte dos estados brasileiros.

Durante o *Café com Hip Hop* jovens, prioritariamente de bairros da zona leste, sul e norte da cidade se reúnem para apresentar os trabalhos que vem sendo feitos junto à comunidade onde vivem, alguns com apoio de políticos e organismos municipais (destaco aqui o projeto Juiz de Fora nos trilhos da Paz, promovido pela Secretária de Política Social da Prefeitura de Juiz de Fora que emprega muitos destes jovens como monitores de oficinas de Rap, Grafite e Capoeira em áreas consideradas de risco pela administração municipal) e outros realizados através de iniciativas individuais, como o patrocínio de oficinas de capoeira e Rap em bairros carentes da cidade feito pelo ex-deputado Biel Rocha do PT.

No entanto, apesar da divulgação prévia feita por alguns veículos de comunicação da cidade, sempre no espaço dedicado à cultura, acredito ser importante destacar que estas ações não são tratadas como um movimento em busca de reconhecimento social e cidadania, mas sim como mais um evento cultural da cidade e por isto aparecem na sessão dedicada a shows, teatros e programação de cinemas.. Como comumente acontece, aos negros é relegado na mídia o espaço relacionado à música, cultura e ao exótico.

Mesmo com a publicação de notas nos dias que antecedem ao evento, os organizadores destacam que nunca houve, por parte dos órgãos de comunicação da cidade, uma cobertura jornalística no momento do evento. Durante a realização do encontro é pouco notada a presença de outras pessoas que não aquelas que façam, de fato, parte do movimento. Os presentes são, em sua maioria, negros, jovens e pelas roupas, cabelos e assuntos tratados nas rodinhas de conversa, integrantes do movimento Hip Hop. Não é raro também notar em alguns deles uma postura agressiva, mostrando uma preocupação em já estar preparado para eventuais agressões e atitudes preconceituosas, e por vezes desconfiada em relação aos curiosos que se aproximam para saber do que se trata o evento.



Nota-se durante o encontro a grande presença de jovens DJs dispostos a fazer sua performance em busca de novas oportunidades de trabalho. Muitos deles já atuam, ainda que de forma voluntária, em algumas rádios comunitárias e piratas como locutores e Dj's. Como bem definiu a antropóloga Jane Souto em "*Os outros lados do Funk Carioca*" (2003), assim como acontece com o funk, o Hip Hop ampliou o mercado de trabalho para os jovens oferecendo a eles perspectivas de trabalho de mais prestígio que as funções comumente desempenhadas por jovens de periferia. É a chance que estes jovens encontram de terem uma ocupação que lhes confira prestígio no meio social em que vivem.

No entanto se faz fundamental destacar que não estamos restringindo aos veículos de comunicação a responsabilidade pelo preconceito racial e social, indiscutivelmente presente em nossa sociedade. Estes veículos funcionam como espelho de uma realidade já vivenciada na sociedade. No entanto, o que não se pode negar é que diante desta realidade, fica, cada vez mais difícil para estes jovens construir uma imagem positiva de si mesmos e reforçar sua auto-estima tendo em vista o enfoque negativo com o qual são tratadas as notícias relacionadas a este grupo social. Surge então uma questão tratada com brilhantismo pelo jornalista e coordenador do Etnomídia, Grupo de Estudos em Mídia e Etnicidade da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia Fernando Conceição no texto "Do 13 ao 20: Mídia e Etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos"

De fato a condição de se ter ou não imagem publicamente reconhecível é anterior ao estabelecimento da mídia como empreendimento. No entanto, o mundo social mediado pelos meios de comunicação somente atribui status de valor concreto àquilo que tais meios incorporam e distribuem para o consumo público, na forma de imagens. (CONCEIÇÃO, 2004)

Um dos jovens do MGC contou durante entrevista que havia entrado em contato com três veículos de comunicação da cidade (duas TVs e uma emissora de rádio) pedindo cobertura para um evento de prestação de serviço que aconteceria na comunidade durante o final de semana. Estavam programados serviços de corte de cabelo, aferição de pressão arterial, palestras educativas sobre doenças sexualmente transmissíveis e orientações sobre direitos trabalhistas. O evento teve início às 10h e nenhum veículo havia aparecido para fazer qualquer cobertura. Por volta das 16h30 um dos jovens atendidos pelo programa se envolveu em uma briga no local e atirou em outro homem. Exatos 15 minutos depois, jornalistas das duas emissoras de TV e de três



emissoras de rádio (incluindo a que havia sido convidada para cobrir o evento) estavam no local para fazer uma matéria sobre a violência na periferia. Fatos como este não são um acontecimento isolado na vida destes jovens e na realidade das redações, que já se acostumaram a “subir o morro” apenas para buscar matérias que figurem no noticiário policial.

E é justamente neste vácuo deixado pelo poder público e ampliado pelos veículos de comunicação que surge a religião. Um espaço que permite a estes jovens, além de manifestarem suas crenças religiosas continuar a ser quem são com seus valores estéticos e manifestações culturais. O fruto desta “liberdade” encontrada por eles no meio religioso, no caso presente em especial no meio Evangélico, fez que com que nascesse uma expressão artística que ganha espaço em todo o país, com destaque para o Distrito Federal, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, o Hip Hop Gospel. O nome gospel vem de do inglês e significa evangelho. O gospel tem origens na música nascida nas fazendas de escravos no sul dos Estados Unidos e se tornou uma importante referência no cenário música norte-americano lançando nomes como Mahalia Jackson, Aretha Franklin, Ray Charles e um de seus divulgadores mais importantes Elvis Presley.

No Brasil o termo gospel, como designação de todo tipo de música cristã, foi utilizado pela primeira vez nos anos 80 pela gravadora Gospel Records. A popularização do gênero no país aconteceu no final de década de 80 e vem crescendo até hoje. Atualmente já existem representantes do Hip Hop gospel reconhecidos no cenário musical secular, como o Rapper Dj Alpiste, um dos pioneiros na divulgação do Hip-Hop nas igrejas nos anos 90 e grupo Provérbio X do Distrito Federal. O primeiro CD do Dj Alpiste, Transformação, lançado em 1997 vendeu mais de 30 mil cópias e de lá para cá já são mais de cinco CD's lançados.

Uma prova de que para os evangélicos, o lazer e a religião se misturam. Na opinião de Negro Bússola muito da aproximação destes jovens com a nova proposta religiosa se deve ao fato da identidade entre a postura do “novo crente” e aquela já assumida pelos jovens antes da conversão. O fato de não ser preciso se transformar em que quem não se é, deixa o jovem mais à vontade para assumir suas crenças religiosas e se posicionar perante os amigos e a comunidade. Comportamento semelhante ao observado no texto “*Fazendo 'a coisa certa': reggae, rastas e pentecostais em Salvador*” (1993) de Olívia Cunha

passa pela compreensão desses jovens de que existem determinados limites. Estes estão nitidamente expressos no

desejo de assumir uma “identidade religiosa” que não represente submissão – “ser crente” – por exemplo não deixando de usar o penteado e a vestimenta que mais lhe agrada. O que se postula é uma vida “santa” na fé e nas práticas, e menos nas aparências e nos costumes. (CUNHA, 1993)

Além disto, outro fator importante para a aproximação destes jovens com a igreja é o fato de que o primeiro contato é feito de maneira individual, particular e no espaço onde este jovem vive ou frequenta. Não é preciso que ele se direcione para o templo para “conhecer a palavra”. Negro Bússola conta que uma das principais atividades do Ministério Galera de Cristo são as visitas às portas de bailes funks, bares e até mesmo aos “puteiros”, pois é lá, segundo ele, que estão aqueles que mais precisam ouvir a palavra de Jesus. O discurso com o qual a palavra é apresentada a estes jovens também facilita, em muito a recepção. Gírias, expressões e, o ritmo, já conhecido e apreciado por estes jovens, faz com que a forma seduza para o conteúdo que virá a seguir.

Assim, como os “irmãos” não pregavam a palavra enclausurados em ternos escuros e usando megafones e alto-falantes, mas através de mecanismos que envolviam em “convencimento” diário em conversas, no testemunho usando linguagem coloquial, na relação igualitária que mantinham com os rastas – repelidos devido à sua aparência na maioria das vezes. (CUNHA, 1993)

Os jovens que antes usavam seus dons de cantar e dançar, em atividades não ligadas a religião julgam que este tempo foi perdido e que só agora, depois que colocaram seus dons a serviço de Deus eles estão de fato sendo usados como deveriam. Em celebrações como as do Ministério Galera de Cristo a separação entre sagrado/profano é, em um primeiro momento, muito difícil de ser feita. O que parece é que a fenômeno que pretendemos estudar está situado em um meio termo.

Num extremo temos as ações que são inteiramente profanas, inteiramente funcionais, pira e simples técnica. No outro temos as ações que são inteiramente sagradas, estritamente estéticas, tecnicamente não funcionais. Entre esses dois extremos temos a grande maioria das ações sociais que participam em parte de uma das esferas e em parte da outra. (LEACH, 1995)

È sugerido que estes jovens se percebem livres para serem que são. Mas faz-se importante destacar que para que este fenômeno se apresente é necessário que haja uma negociação entre os representantes religiosos das mais diversas igrejas que fazem parte da galera de Cristo, e dos jovens dispostos a fazer parte deste grupo. Lembramos aí que



a liberdade é o resultado de uma “mudança de constrangimentos” ou seja, ela acontece em um contexto de obrigações onde o que há é uma troca. Livramos-nos de algumas obrigações que deram lugar a outras. Liberdade seria, portanto, uma forma de lidar com constrangimentos e obrigações. E assim também acontece neste grupo que ao *se livrar* de determinadas obrigações assume concomitantemente responsabilidade por outras.

Não é possível compreender este grupo de jovens que formam o Ministério Galera de Cristo dissociados da realidade em que vivem e de outros grupos dos quais fazem parte. Ser membro do Ministério é apenas uma das facetas destes jovens que também dividem as estáticas de integrar o grupo de jovens negros (e os estigmas que este grupo carrega) e de moradores das periferias.

Procuramos compreender de que forma a sociedade na qual estão inseridos estes jovens foi decisiva para o aparecimento deste tipo de manifestação religiosa. Quais fatores favoreceram que eles se reunissem em torno deste grupo para, através da religião, reconstruir sua identidade. Vemos que estes grupos apresentam como características identidades fragmentadas e fragilizadas pela ausência de agentes externos que as reforcem ou valorizem.

Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, Mirian et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro, Garamond, 2002.
- ALMEIDA, Ronaldo. & RUMSTAIN, Ariana. "O gospel como sociabilidade religiosa": "Fronteiras do Sagrado: mutações na interface religião e sociedade". V Reunião de Antropologia do Mercosul, Florianópolis, 30 nova 03 dez, 2003
- ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens de periferia. *Educação e Pesquisa*, v.27,n.1,pp.141-160, 2001.
- BABBIE, Earl. Métodos de Pesquisas de Survey. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BRYMAN, Alan, *Social Research Methods*. Oxford, Oxford University Press, 2001.
- BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. "Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora - MG". *Debates do NER*, nº 2, 2001, pp.37-64.
- CARDOSO de Oliveira, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: __ O trabalho do Antropólogo, 1998.
- CARRANÇA, Flávio e BORGES, Rosane da Silva. Espelho Infiel: o negro no jornalismo Brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo.2004.



- CECCHETTO, Fátima. "As galeras Funk cariocas: entre o lúdico e o violento". "In: Hermano Vianna (org.). Galeras Cariocas: territórios de conflitos e de encontros culturais RJ: Editora UFRJ, 2003, pp.93-116.
- Dayrell . Juarez Tarcísio "A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte", tese de doutorado de. Orientação de Marília Pontes Spósito, da FEUSP. Defesa em julho de 2001, na Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo).
- CUNHA, Olívia Maria Gomes. "Fazendo 'a coisa certa': reggae, rastas e pentecostais em Salvador". *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)* n.23, 1993.
- DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, pp 117-136, jan/jun 2002.
- DIÒGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop*. São Paulo, Annablume, 1998.
- LEACH, E. Sistemas políticos da Alta Birmânia. São Paulo: Edusp, 1995
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 2 vols., 1965.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro : LTC Editora, 1989.
- GEERTZ, Clifford. "Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura". In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, Clifford. "Do ponto de Vista dos Nativos: a natureza do entendimento antropológico". In: *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Hamlin , Cynthia Lins. *Realismo Crítico: Um Programa de Pesquisa para as Ciências Sociais*
- LECCARDI, Carmen. "Por um novo significado do futuro: mutação. social, jovens e tempo". *Tempo Social: revista de sociologia da-USP*. vol 17, ~ 2, 2005,.
- MINAYO, Maria Cecília de S. et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.
- NOVAES, Regina Reyes & MAFRA, Clara Cristina Jost. "Juventude: Conflito e Solidariedade". *Comunicações do ISER*. nº 50,1998.
- _____. "Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas". In *Fiéis & Cidadãos. Percursos de Sincretismo no Brasil*. Pierre Sanchis (org.). Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, pp.181-207.
- NOVAES, Regina Reyes. "Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra". *Religião e Sociedade*, 20/1, 1999, pp.65-92.
- NOVAES, Regina Reyes & MELLO, Cecília Campello A. "Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos" - *Comunicações do ISER*. nº 57, 2002.
- NOVAES, Regina Reyes. "Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público". In *Religião e espaço público*. Patricia Birman (org.). Brasília/ São Paulo, CNPQ/PRONEX/ Attar Editorial, 2003, pp.25-39.



- OLIVEIRA, Marco David de. A religião mais negra do Brasil. São Paulo. Mundo Cristão, 2004.
- PINHEIRO, Márcia Leitão, "O sagrado e o lazer o rap o charme entre os evangélicos" (Mimeo) GT 6: "Fronteiras do Sagrado: mutações na interface religião e sociedade". V Reunião de Antropologia do Mercosul, Florianópolis, 30 nov a 03 dez, 2003
- PIRES, J. M., *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1993.
- RIBEIRO, Manoel. O funk pode ajudar a estabelecer políticas públicas. Equipe Século XXI - publicado em 17/01/2007 http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=16
- SIQUEIRA, D. e LIMA, Ricardo B. (orgs), *Sociologia das Adesões. Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro, Garamond: Vieira, 2003.
- SIQUEIRA, D., *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2003.
- SOUTO, Jane. "Os outros lados do Funk carioca". In Hermano Viana (org.), *Galeras / Cariocas: territórios de conflitos e de encontros culturais*. RJ: Editora UFRJ, 2003.
- SPOSITO, Marília P. Estudos sobre juventude e educação. *Revista brasileira de Educação. Juventude e Contemporaneidade*, n. 5-6, 1997. Número especial.
- _____. A instituição escolar e a violência. *Revista de estudos e pesquisa em educação*, n. 104, 1998.
- NOVAES, Regina Reyes. "Juventudes, percepções e comportamento: a religião faz diferença?". In: Helena Wendel Abramo e Pedro Martoni Branco (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. SP: Editora Fundação Perseu
- NOVAES, Regina Reyes. "Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra". *Religião e Sociedade*, 20/1, 1999, pp.65-92.
- NOVAES, Regina Reyes. "Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no 'Espaço público'". In *Religião e espaço público*. Patrícia Birman (org.). Brasil1 São Paulo, CNPQ/PRONEXI Attar Editorial, 2003, pp.25-39.
- TA VARES, Fátima Regina Gomes & CAMURÇA, Marcelo Ayres. "Juventudes e Religião / Brasil: uma revisão bibliográfica". *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, vol. 7, n. I, 2004, pp.11-46.
- STEIL, Carlos & ALVES, Daniel & HERRERA, Sonia. "Religião e Política entre os alunos de Ciências Sociais". *Debates do NER*, nº 2, 2001, pp. 09-35.
- VELHO, Gilberto. "Trajetória individual e campo de possibilidades". In: *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- VIANNA, Hermano. *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.